

# A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO RECREATIVA

Barcellos, 24 de setembro de 1892.

O que dirás tu hoje chronica amiga, n'esta Barcellos, abrasada e somnolenta que o mez de setembro des-povoou?

O que dirás?

Que coisas poderás tar tu para contar, se te deixaram só, entregue aos teus proprios recursos, que são nullos, e se a nota alegre dos successos anda em folgazã villegiatura pelas praias?

«A chronica não tem existencia propria, carece da vida dos outros para viver». Quando a movimentação quente do Estio se extingue em volta d'ella e quando a ultima caravana de veraneadores fugitivos se põe em debandada, á procura d'aguas medicinaes e d'ares fortemente oxigenados, a pobresinha desinha-se, cai exangue como lhe picassem uma arteria, e morre.

Ha muito que o bulicio da nossa formosa Barcellos passeia de braço dado com o assumpto palpitante pelas praias da Povoá, Villa do Conde e Apulia, deixando-me, aqui, boquiaberto, a olhar para duas tiras de papel, que tenho d'encher, visto ter a meu cargo a espinhosa tarefa de chronista.

Que dizer-vos, pois, se a nossa encantadora villa teima em arrelhar-me com a escassez de factos que despertem a curiosidade?

O melhor é deixar a chronica para o numero seguinte e encher os dois *linguados*, que tenho presentes, com historias das «Mil e Uma Noites».

Perdão! Sempre direi d'esta vez al-

guma coisa, attendendo que, depois de ter dado mil voltas ao miolo, des-cortinei umas noticiasinhas dignas de menção.

—Na semana finda, foi raptada da casa do sr. Padre Antonio Lima, uma das suas *gentis* creadas por um dos agalados do batalhão estacionado n'esta villa. O raptor mostra ser mestraço em taes proezas, pois que ainda não decorreram trez mezes e já é o segundo rapto que faz.

—Consta que, brevemente, se matrimoniará um cavalheiro de Barcellinhos, com uma rica herdeira, ha pouco tempo *viuva*.

—Foi victima da sua inexperiencia o menor José, filho de Antonio Moreira, afogando-se, no ultimo domingo, no nosso Cavado, junto da ponte que liga esta villa a Barcellinhos.

—Abrirá no proximo outubro o theatro do Gymnasio.



## Mãe!...

(A José P. da Costa Basto)

Ha, na minha aldeia, um cemite-rioso, povoado de cyprestes que erguem os seus braços gigantescos e profundamente tetricos como que indicando ao transeunte distrahido o logar da paz e do silencio, cheio de campas razas e perfumado pelo aro-

## A LAGRIMA

ma vivificador exalado pelos canteiros de lyrios e de rosas tão symetricamente dispostos pelo velho guarda, o meu querido Paulo.

Uma tarde de estio em que o sol se escondia já no horisonte espalhando apenas pela terra uns tenuissimos raios de luz, em que os rouxinoes cantavam as suas trinadas harmonias, escondidos por entre a ramagem do arvoredou, eu, com a alma trespassada pela mais profunda tristeza, dirigi-me ao cemiterio, onde o velho Paulo me esperava de braços abertos.

Depois de lhe ter dado um abraço e de lhe ter beijado a barba, encanecida já pelos 80 invernos que a tinham visitado, dirigi-me para uma ruasinha estreita, onde conversamos muito sobre o passado, para mim tão querido e para elle tão saudoso.

Fallamos sobre 30 factos da minha vida de creança, quando de subito deparei com uma campasinha, muito modesta e muito branca, que se divisava na rua que nos ficava fronteira.

Senti dentro de mim curiosidade de saber a historia d'aquella campa e perguntei a Paulo:

—«Quem está sepultado alem?»

—N'aquella campa muito branca, que está acolá?

—Sim.

—Pois não sabe?! E' o fidalgo, o pobre sr. Luiz que morreu ha 2 mezes. A pobre mãe, a velha dona do solar, vem aqui todas as tardes visitar a ultima morada do seu pobre filho. Ah! Eil-a, que se approxima!...

—N'esse caso, affastemo-nos. Deixemos a pobre mãe entregue á sua dor.

A pobre senhora coberta de luto, com o coração lanceado pela saudade, com os olhos rasos d'agoa e as faces prematuramente enrugadas, dirigiu-se silenciosamente á campa do seu desditoso filho. Chegada ahí, ajo-

elhou, fitou os olhos no ceu e ouvi-lhe muito de leve, como o ciciar da brisa que se levanta mansamente, estas palavras:—«Dorme, meu filho, dorme o ultimo somno na tua gelida morada, que tua mãe véla a tua campa como velou o teu berço!...»

Depois, soluçante, dirigiu se á porta do cemiterio por onde desapareceu, levando consigo a dor immensa que lhe torturava a existencia.

Despedi-me de Paulo e retirei-me tambem, pensando quão grande seria o soffrimento da pobre mãe!...

.....  
Passados dias visitei outra vez o cemiterio e não pude deixar de ir ver a campa onde dorme o ultimo somno o herdeiro da velha morgada de Michães.

A campa do pobre Luiz, estava d'esta vez coberta de flores. Foram as lagrimas da desgraçada mãe, que desabrochando-se converteram-se em saudades!...

Porto, 15 de setembro.

*E. de Magalhães*



### STABAT MATER

Estava a mãe ao pé da cruz, estava,  
estava junto á cruz da redempção,  
abraçava o filho e este agonisava  
pedindo p'ros deicidas o perdão.

Estava a mãe ao pé da cruz, estava,  
estava junto á cruz da redempção.

Estava a mãe ao pé do condemnado,  
o condemnado era o justo, o innocente.  
O seu divino gemido humanizado,  
fazia abalar o seio do crente.

## A LAGRIMA

Estava a mãe ao pé do condemnado,  
o condemnado era o justo, o innocente.

Estava a mãe, estava lacrimosa  
escutando o mortifero estertor  
escaldavam-lhe a face tão piedosa  
as lagrimas candentes pela dôr.  
Estava a mãe, estava lacrimosa  
escutando o mortifero estertor.

Estava a mãe vergada p'lo gemer  
do filho homem; dos homens era pae.  
O filho bendito ia ja morrer,  
morrer sem abraçar a pobre mãe!  
Estava a mãe vergada p'lo gemer  
do filho homem, dos homens era pae.

Estava a mão gelada pela morte,  
que junto á cruz indomita pairava  
e a vida cortaria com mão forte  
do Deus que sendo Deus a ella mandava.  
Estava a mão gelada pela morte,  
que junto á cruz indomita pairava.

Morreu o filho. Nos ares estalou  
um ultimo suspiro. Ja o trovão  
ronca tremendo e só não abalou  
a mãe cingida á cruz da redempção.  
Barcellos, 18—9— 92

J. P. Lameira.



Galeria de homens illustres de Barcellos

IV

Agostinho Severino

... quo queirois quo diga mais em seu favor, tendo dito que elle é honrado? *Blaz.*

Nasceu Agostinho Severino em 1873. Frequentou a aula até os 17 annos, escrevendo n'esta idade um *Tratado pratico de recovagem*, no que revelou uma perseverança de estudo e uma inteli-

gencia pouco vulgar. Aos 18 annos sentindo as nostalgias da vida de escriptor mal remunerado, depôz a penna para empunhar uma espada; mas oh fatalidade! o estalão accusou-lhe um metro d'altura... estava-lhe cortada a carreira pelas armas. Aos 19 resolveu fazer uns estudos á Africa sobre recovagem para ampliar o seu *Tratado*, o que não conseguiu por falta de meios. Quando se levantou a questão da integridade d'esta comarca tornou-se celebre pela sua indiscutivel coragem senão vejamos: Discutia-se calorosamente n'um grupo de patriotas quem seria capaz de ir a Espozende na occasião em que os animos ali estavam no auge da exaltação, quando se ouviu a voz varonil de Agostinho offerecendo-se para tão heroico commettimento. Aceita a proposta o nosso heroe, se fez á vella no dia seguinte no carro do correio pelas 11 horas da manhã, sendo acompanhado por grande concurso de povo em marcha *aux flambeaux* até Casal de Nil, e á semelhança do general romano, chegou viu e venceu. Exerceu por algum tempo na imprensa a nobremissão de batedôr. Na occasião da passagem d'el-rei D. Carlos, por esta villa estando os wagons do comboic real litteralmente cheios e querendo elle a toda a força acompanhar Sua Magestade e não conseguisse arranjar logar, esperou que a locomotiva se puzesse em movimento e, zás... dá um salto e cavaleia a machina, com grande espanto de todos os assistentes e com especialidade d'el-rei que lhe concedeu um *passé* nos caminhos de ferro portuguezes. Quando para ahi se apregoou o apparecimento d'uma *alma penada* em Barcelinhos proximo ao cemiterio e ninguem por ali transitava depois das 9 horas da noite, elle alliciou homens armados para o

## A LAGRIMA



Severino acompanha a familia real acompanhar, mas como estes na occasião de chegar ao sitio indicado fugissem, foi só fazer o reconhecimento e com tanta felicidade que viu... não uma alma penada mas uma ave aquatica; abrindo assim o caminho aos medrosos que por ali não passavam. Salvou uma creança nas aguas do Cavado, que estava em risco de se afogar.

Depois de ter empregado o melhor tempo da sua vida em façanhas nonrosas em que se pareceu na estatura e arrojo, com Napoleão I; em actos de heroicidade, com Estevam Collonna; como escriptor, com Francisco Zinão; na honradez, com Henri Marten e em abrir caminho aos medrosos, como Vasco da Gama; resolveu



Agostinho Severino—Recoveiro.

entregar-se á recovagem, no que tem mostrado a sua honradez e inteireza de character não peculiares, elevando o seu mister a altura que merece.

Um pctea dedicou-lhe as seguintes quadras:

Procurae da Siberia á Patagonia,  
Percorrei de Paris até Pequim  
Affianço que não encontrareis  
Como Agostinho um recoveiro assim.  
Promptidão barateza e lealdade  
Conserva reunidos o Sev'riño  
Eu nunca vi rapaz que tão depressa  
Me levasse uma carta ao seu destino.  
Não é distincto só em levar cartas,  
não. Isso era chamar-lhe um azeiteiro;  
Distingue-se tambem em encommendas  
finalmente é um bello recoveiro.

Agostinho Severino, é baixo, as suas faces rosadas são picadas das bexigas e a sua bocca levemente sombreada por um bigode trivial, pequenino. E' d'uma sensibilidade inexprimivel; com que bondade elle afaga as creanças; deante d'elle não se póde maltratar um animal por um caso que se deu sendo ainda muito novo que foi: Passava proximo a um matadouro e offereceu-se para abater um boi, o que fez com tanta infelicidade que o animal teve um estertor horripilante que o impressionou vivamente.

Quasi identico caso se lê no *Character de Similes*:— «um dia aproximou-se um cão de Walter Scott, este pegou n'uma pedra e arremessou-lha quebrando-lhe uma perna. O pobre animal apesar disso veio, arrastando-se lamber-lhe os pés. Este facto encherá de remorsos a sua vida, e, acrescentou elle,— quando se dão semelhantes circumstancias na infancia e se reflecte n'ellas produzem melhor effeito no character posterior do individuo.»

Zétil.